

#cm
2
SEGUNDA-FEIRA

Denise Weinberg: 'arte não é fast food'



PÁGINA 4

'Cinco Tipos de Medo' vence Festival de Gramado



PÁGINA 5

Fábio Nogara canta Flávio Venturini em novo álbum



PÁGINA 7

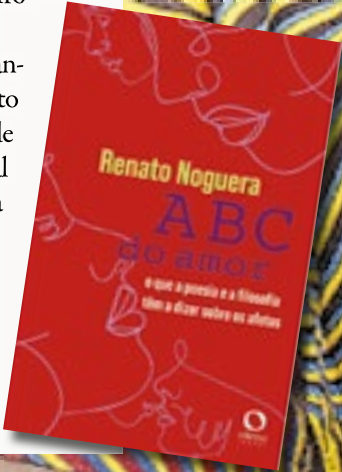
Afetos revolucionários de AaZ

Por Affonso Nunes

O filósofo Renato Noguera propõe uma revolução silenciosa através dos afetos em “ABC do amor: O que a poesia e a filosofia têm a dizer sobre os afetos” (Oficina Raquel), obra que redefine nossa compreensão sobre as múltiplas dimensões do amor. Referência nacional no pensamento afro perspectivista, Noguera constrói um abecedário emocional que atravessa 103 palavras e expressões, criando uma cartografia afetiva que dialoga com tradições ocidentais e cosmopercepções afro-diaspóricas.

Inspirado na tradição dos griots africanos, antigos contadores que transmitiam conhecimento pela oralidade, o autor desenvolve o conceito de letramento afetivo - uma alfabetização emocional para tempos em que saber amar se torna urgência coletiva. “Publicar este livro é um sonho com os olhos abertos! Porque eu sempre quis adubar sorrisos solares dos afetos, compartilhando o desejo de saber o que sinto diante do tumulto do mundo”, afirma Noguera.

Continua na página seguinte



Filósofo Renato Noguera redefine conceitos de relações humanas em abecedário

A estrutura desta obra de Renato Nogueira percorre conceitos como “Abraço”, definido como “tecnologia ancestral de aproximação e reconexão” que abarca “do arrepio ao alívio, do calor do toque ao silêncio do amparo”, até “Agamia”, apresentada como “dinâmica amorosa que valoriza a solidão - estar bem sozinho”. Por sua vez, o termo central que atravessa o trabalho, “Amor”, é caracterizado como “ato político e força revolucionária que desafia as estruturas que nos separam, que nos oprimem”.

O filósofo entrelaça referências que vão de Espinosa a Bell Hooks, de Platão a Sobonfu Somé, passando por Nêgo Bispo, construindo pontes entre saberes diversos.

Em tempos de relações líquidas e isolamento emocional, a obra oferece ferramentas para vínculos pautados na escuta e responsabilidade, transformando o amor em instrumento de autoconhecimento e mudança social. Nogueira destaca conceitos elementais de seu pensamento na entrevista abaixo.

Ao definir o amor como força revolucionária e ato político, não corremos o risco de instrumentalizar os afetos, transformando até mesmo nossas relações mais íntimas em campos de batalha ideológica?

Renato Nogueira - Obrigado pela questão. De fato, a instrumentalização dos afetos constitui um risco, mas apenas quando a esfera política é confundida com as estratégias panfletárias das militâncias de projetos coloniais. Todo projeto autoritário de poder precisa encarcerar o desejo, porque sobrevive mobilizado pelo medo. Nada contra o medo em si, mas o problema é fazer dele uma tática de controle. Justamente por isso, eu proponho a compreensão de que todas as relações estão atravessadas por ideologias e sistemas de opressão, dentre outras: racismo, patriarcado, heteronormatividade, capacitismo, classismo. Daí, a proposta do amor como uma força revolucionária ter relação com o desejo de construir mundos com justiça afetiva. Este é o conceito que gostaria de articular: justiça afetiva. Por exemplo, se existe feminicídio numa sociedade, precisamos de uma política dos afetos que rivalize com o patriarcado, o machismo e a misoginia.

Como conciliar a fluidez das cosmo-percepções africanas com a rigidez de um dicionário, mesmo que poético?

Essa questão é muito relevante. É importante frisar que existe uma distância estrutural entre dicionário e abecedário. Optei

ENTREVISTA / RENATO NOGUERA, FILÓSOFO

‘Todo projeto autoritário de poder precisa encarcerar o desejo’



Marcelo Hallit/Divulgação

“Todas as relações estão atravessadas por ideologias e sistemas de opressão, dentre outras: racismo, patriarcado, heteronormatividade, capacitismo, classismo”

por um abecedário. Ao escrever um “ABC”, quis propor entradas sem oferecer cercas. É um livro-ponte — ele nomeia, mas não aprisiona. Além disso, eu sempre tive interesse pelos métodos antropológicos — aos 18 anos

fui bolsista do Laboratório de Pesquisa Social da UFRJ e comecei a fazer etnografia. Minha formação acadêmica e vivência griot contribuem para sustentar diálogos entre cosmovisões ocidentais, cosmo-percepções

orientais e indígenas em paralelo com africanas.

Qual é o limite entre letramento afetivo e controle emocional?

Em certa medida, “Letramento afetivo” é uma expressão conceitual que pode carregar tensões. Eu estou construindo essa categoria analítica ao longo de uma pesquisa que se encontra em curso. A minha aposta teórica é de que se trata de um letramento contracional. O que não deixa de ser um paradoxo. Mas, de qualquer modo, não tem relação com controle emocional, porque não se trata de reprimir ou mudar o que sentimos. Letrar afetivamente é um exercício de coragem para escutar e dar sentido ao turbilhão de emoções e sentimentos que nos atravessam.

E como garantir que esse letramento afetivo não se torne uma forma de disciplinar corpos e desejos?

O letramento afetivo pode ser compreendido como: “arte de decifrar e compor os sentidos dos afetos, um aprendizado contínuo que se inscreve nos corpos, nos gestos, nas palavras e nos silêncios”. Não se trata de dizer o que alguém precisa fazer ou de um dispositivo do biopoder (tal como nos disse o filósofo francês Michel Foucault). Mas, de sugerir que os nossos afetos não são incompreensíveis e podemos usá-los para celebrar a vida ao invés de colocá-la em risco. Por isso, não é o caso de controlar o desejo, mas de vivê-lo para um Bem Viver. Eu compreendo o Bem Viver, essa filosofia e tecnologia ancestral de alguns povos indígenas, como o que dá sentido ao percurso.

Se o amor é pluriversal, por que precisamos de um manual para compreendê-lo?

Sem dúvida, se precisássemos de um manual, o amor não seria pluriversal. Ao invés de uma cartilha, eu aposto num roteiro, ainda por fazer, de trajetórias singulares. Não há interesse numa catequização que ensine formas privilegiadas de sentir, desejar e expressar os afetos. A minha pergunta: como podem os afetos e, especialmente o amor, serem vivenciados de formas que não coloquem a vida sob ameaça? Como a sociedade — um circuito de afetos — pode se organizar de maneiras que a sensação de segurança psicológica não nos leve à barbárie e, tampouco, à “civilização”? Preciso dizer que estou entendendo civilização como um projeto, tal como argumentou o psicanalista austríaco Sigmund Freud, de que a vida civilizada cobra um alto preço de repressão pulsional e mal-estar contínuo.

Desamparo à americana

Por Olga de Mello
Especial para o Correio da Manhã

A norte-americana Joyce Carol Oates é figurinha fácil nas listas de apostas do Nobel de Literatura, que, até hoje, não ganhou. Aos 87 anos e uma obra de cerca de 60 romances, coleciona premiações literárias em seu próprio país e se mantém em atividade, lançando, em média, dois livros por ano, além de fazer oposição clara à política de Donald Trump. Nada mais natural, visto que seus personagens, geralmente, transitam pelo inverso da “América Grande” trumpista.

Se algumas de suas histórias transitam do gótico ao fantástico, a maioria é de um realismo doloroso e raramente divulgado pelos meios de comunicação de seu país. A área rural no norte do estado de Nova York, que abrange os condados de Erie e Niagara, onde a escritora cresceu, é o cenário de boa parte de suas histórias, mostrando o choque de um utópico estilo de vida americano, estacionado em valores dos anos 1950, com a soturna realidade contemporânea. Seus protagonistas, geralmente, são brancos pobres, que sobrevivem em subempregos. As raras pessoas bem-sucedidas até procuram juntar-se aos menos afortunados, mostrando a condescendência natural de quem não se preocupa em contar o dinheiro da passagem. Mas as diferenças se acentuam até na resistência dos mais carentes à amizade com os “bem-nascidos”.

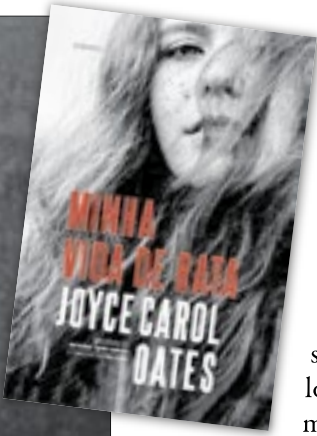
CRÍTICA / LIVRO / MINHA VIDA DE RATA

Dustin Cohen/Divulgação



Joyce Oates retrata uma nação estagnada

Nessa América branca, de religiosidade mais con-



veniente do que convicta, a agressividade torna-se forma de expressão. As famílias numerosas se apoiam incondicionalmente, ainda que a convivência seja pautada pela violência. Quem põe a ordem social acima dos laços de sangue, é exilado, como ocorre com Violet Rue em “Minha vida de rata” (Harper Collins, R\$ 54,70). Aos doze anos, ela é separada da família por revelar à polícia a localização do taco de baseball usado para matar um colega de escola. O adolescente, negro, aluno e atleta exemplar, foi espancado por dois irmãos e um primo da menina. A família imediata volta-se contra Violet, que tem de morar com a tia materna, mantendo contato epistolar com as irmãs, sem voltar a ver os pais por décadas.

O desamparo ronda esses personagens, tratados com indiferença pelo Estado. O cansaço pelas longas jornadas de trabalho ou o desânimo diante da solidão faz com que muitos desistam da educação, única forma de ascensão social, geralmente desprezada pelos provedores de baixa renda. A classe trabalhadora branca e deprimida destila ódio xenófobo, machista e racista, atribuindo sua própria decadência aos imigrantes, às mulheres e aos negros. Apesar da melancolia transbordar em suas crônicas desses tempos de fim do império americano, Joyce Carol Oates conquista o leitor pela destreza em tecer o drama desesperançado de quem só quer sobreviver, a despeito do abandono.

NA ESTANTE

POR OLGA DE MELLO

Sustentabilidade

“Ser sustentável” (Pirilampo, R\$ 40), reúne crônicas que a jornalista Amelia Gonzalez, especialista em meio ambiente, publicou em colunas no portal G1 e em seu blog, que emprestou o título para o livro. Entrevistas notáveis com o pensador Noam Chomsky e a ex-primeira-ministra da Noruega, Gro Brutland, criadora da expressão “desenvolvimento sustentável”, também estão entre os deliciosos textos de Amelia, que apresenta as questões ambientais de forma muito pessoal, como se conversasse com o leitor, enquanto adverte para a crise que demoramos tanto para reconhecer e enfrentar.



Famosos #SQN

“Baseados em hits reais – Histórias de sucessos inesquecíveis contados por artistas esquecidos” (Máquina de livros, R\$ 70), do jornalista Bráulio Lorentz, lembra 40 canções de muito sucesso que não catapultaram as carreiras de seus criadores. Entre os artistas entrevistados estão os brasileiros Vinny, Kelly Key e o grupo Dr. Silvana e Cia, e muitos cultuados por um só sucesso, como Bonnie Tyler, intérprete de “Total eclipse of the heart”, o alemão Lou Bega, que estourou, em 1999, com sua versão de “Mambo number 5”, canção do cubano Perez Prado, lançada em 1949.



Memórias e sabores

“O que eu comi em um ano (e outras reflexões)” (Intrínseca, R\$ 70) é fruto do desdobramento da carreira do ator Stanley Tucci, que, depois de dirigir “A grande noite”, filme sobre a falência de um restaurante, passou a apresentar programas de gastronomia e escreveu livros de culinária. Este diário traz cardápios e observações a respeito do tempero da vida, como a pizza caseira preparada para os filhos, o molho marinara que produzia entre os ensaios do filme “Conclave”. Recordações deliciosas que só não devem ser leitura para quem está de dieta.



Consagrada mundialmente com ‘O Último Azul’, que estreia nesta sexta, Denise Weinberg critica o sucateamento do teatro e a estética da mediocridade

‘Arte não é fast food’

53 FESTIVAL DE CINEMA DE GRAMADO

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Quando ganhou o Grande Prêmio do Cinema Brasileiro, por sua atuação como a bandidona Russa de “Salve Geral!”, em 2010, a atriz Denise Weinberg fez do microfone uma plenária para transformar o que habitualmente é um rito de mera gratidão num (necessário) combate à letargia política de nossos governos em relação à arte e ao bem-estar. Foi rápida, elegante, mas usou a tonitruante voz que esculpiu ao longo de anos de serviços prestados aos palcos num megafone crítico. Sua reação aos quilos de elogios que vem recebendo, mundialmente, por “O Último Azul” – nas telas a partir desta quinta-feira – não tem sido diferente. Denise reage.

Seu desempenho estonteante rendeu-lhe o troféu Maguey no Festival de

Guadalajara e ajudou - e muito - o longa na conquista do Grande Prêmio do Júri da Berlinale, na Alemanha, onde Gabriel Mascaro estreou esse river movie (filme fluvial de aventura existencialista), na disputa pelo Urso de Ouro. Ganhou ainda o Prêmio do Júri Ecumênico e um mimo de leitores/as do jornal germânico “Berliner Morgenpost”. Cada uma dessas vitórias atraiu holofotes para Denise, que nunca se deixou encantar pela badalação.

“Demorei anos para dizer que era atriz porque eu adoro meu anonimato... e porque aquilo de mais gosto, nesse ofício, é contar histórias. Fama é um perigo, é como droga: vicia. Se você bate continência pra fama, perde seu eixo”, disse a atriz

ao Correio da Manhã na projeção de “O Último Azul” na abertura do 53º Festival de Gramado, encerrado no sábado.

Prestes a voltar ao cinema ainda em “Por Nossa Causa”, de Sérgio Rezende, esperado para o Festival do Rio (mas ainda não confirmado), Denise teve seu talento aplaudido em grandes mostras do Velho Mundo, em parcerias com a dupla Daniela Thomas e Walter Salles (“Linha de Passe”, premiado em Cannes, em 2008) e Armando Praça (em “Greta”, atração da Berlinale de 2019). Em fevereiro, críticos das mais variadas pátrias se renderam à sua forma de celebrar a vontade de viver na trama escrita e dirigida por Mascaro,

realizador de “Boi Neon” (2015) e de “Divino Amor” (2019). “A gente celebra o desejo, a potência”, disse Denise.

Em “O Último Azul”, o governo brasileiro passa a transferir idosas/os 70+ para uma colônia habitacional com a desculpa de oferecer a eles e a elas a chance de “desfrutarem” seus últimos anos de vida em isolamento. Na teoria, parece um resort. Na prática, o local é um campo de concentração. Antes de seu exílio compulsório, Tereza, funcionária de um curtume, recém-chegada aos 77 anos, resolve embarcar em uma jornada, pelas matas da Amazônia, onde vive, a fim de realizar seu último desejo: ter dignidade... e com ela ser livre. Voar de avião é uma metáfora para sua libertação. Para alcançar sua meta, ela vai se enfiar numa jornada pelos afluentes do Amazonas com direito a um barqueiro de coração partido, Cadu (papel de um inspirado Rodrigo Santoro), e uma vendedora de Bíblias digitais chegada ao trambique, Roberta (vivida pela cubana Miriam Socorrás).

“Aquele cenário era um palco, cheio de árvores, e eu olhava para ele reverente. Há sempre que se ter reverência pelo local em que se trabalha. Ali, a Natureza é muito potente”, explica a atriz.

Aclamada nas artes cênicas, com uma longa história no Grupo Tapa, Denise atualmente se lança numa pesquisa sobre a prosa do russo Fiodor Dostoiévski que tem tudo para render uma peça, neste momento em que ela vem filmando um bocado. Estrela de montagens aclamadas, como a releitura de “Lágrimas Amargas de Petra von Kant”, de Rainer Werner Fassbinder, que fez no início dos anos 2000, ela anda magoada com o atual estado de coisas do teatro no país.

“Eu acredito no poder do boca a boca. Embora o cinema seja mais industrial, um filme como ‘O Último Azul’ só se firma se as pessoas falarem dele. Isso requer tempo. Um dos filmes que eu fiz, ‘A Metade de Nós’, ficou uma semana em cartaz. Não há boca a boca assim. O teatro, que é minha casa, está passando hoje por uma situação chata. Você ensaia uma peça por três meses e aí, na hora de estreiar, só fica em cartaz por 14 apresentações. Acabado isso o espetáculo precisa sair de cartaz e dar lugar outro, sem chance de aprofundar a pesquisa. A sensação que dá é de que o trabalho é descartável. Estou afastada dos palcos há três anos por conta disso, pois me dá desgosto. Arte não é fast food. Arte não é McDonald’s. Arte exige atenção e nos demanda paciência”.

Edison Vara/Ag. Pressphoto



Denise Weinberg diante do Kikito na noite de projeção de ‘O Último Azul’ em Gramado

Centro-Oeste outra vez

Mato Grosso vence o Festival de Gramado com o frenético thriller social 'Cinco Tipos De Medo', de Bruno Bini



Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Um ano depois de Goiás ter vencido o Festival de Gramado com “Oeste Outra Vez”, hoje em streaming (no Telecine), região Centro-Oeste emplaca um bicampeonato na maratona cinéfila mais popular do país, agora, via Mato Grosso. Veio de lá o frenético “Cinco Tipos de Medo”, mistura de ação com melodrama, tendo Bella Campos em seu elenco de múltiplas destrezas. “É o primeiro Kikito de Mato Grosso”, disse Bini, no palco.

Mais audacioso dos seis concorrentes ao Kikito de Melhor Longa deste ano, “Cinco Tipos De Medo” foi o único a ser ovacionado e foi o primeiro a ser laureado na premiação do mais popular festival de cinema do país. Abriu a festa com o troféu de Melhor Montagem, dado ao cuiabano Bruno Bini, que assina sua direção também. Poucos momentos depois, ele iria ao palco de novo, buscar o troféu de Melhor Roteiro, na esteira da conquista da estatueta de Ator Melhor Coadjuvante, confiada ao colossal desempenho do rapper de Seropédica Xamã.

Bini deu a Gramado um “filme coral” - a narrativa segue núcleos de personagens distintos e autônomos - que trombam sob vetores sociais. Murilo, um violinista enlutado após a covid (João Vitor Silva), envolve-se com Marlene (Bella), enfermeira presa a um relacionamento abusivo com o traficante Sapinho (Xamã, um titã em cena). As angústias deles cruzam com as de Luciana (Barbara Colen), policial do Bope numa cruzada de justiça, e de Ivan (Rui Ricardo Dias), um advogado com intenções ocultas. “É possível fazer um filme com temas relevantes que seja capaz de entreter pelas vias do cinema de gênero”, disse Bini ao Correio.



Edson Vara/Ag. Pressphoto

Ao lado da equipe de ‘Cinco Tipos de Medo’, de Bruno Bini recebe o prêmio de Melhor Filme na Serra Gaúcha. Longa matogrossense ainda conquistou outros três Kikitos

Exibido na Berlinale, em fevereiro, na seção Generation, “A Natureza das Coisas Invisíveis” volta de Gramado para o DF, seu lar, com o Prêmio Especial do Júri, uma das mais cobiçadas láureas de qualquer premiação. Sua trama é conduzido com serenidade e ganha a plateia pela delicadeza. Nele, a menina Glória, de 10 anos (vivida por Laura Brandão), acompanha a mãe, a enfermeira Antônia (Larissa Mauro), no trabalho, em um hospital. A garota já conhece o local e costuma explorá-lo sozinha. Um dia, ela conhece Sofia (Serena), da mesma idade, que está lá por causa de sua avó, uma curandeira espiritual (Aline Marta Maia) que sofre de Alzheimer. Uma relação de cumplicidade entre as garotas vai nascer ali. Coube ainda ao longa os Kikitos de Melhor Atriz Coadjuvante (dado para Aline) e Melhor Trilha Sonora (Alekos Vuskovic).

Nascida em Minas, mas criada no Paraná, Laís Mello lava a Curitiba o Kikito de Melhor Direção por “Nó”, que venceu ainda na categoria Fotografia (Renata Corrêa) e rece-

beu o Prêmio da Crítica. A potência de sua atriz principal, Saravy, é devastadora no papel de uma operária que briga pela guarda de suas três filhas com um ex-marido abusivo, em meio a uma possível promoção no trabalho.

Igualmente devastador foi o trabalho da estrela de “Vale Tudo” Malu Galli em “Querido Mundo”, de Miguel Falabella. Ela vive Elsa, uma mulher massacrada por um esposo brutal que prova do benquerer numa noite de revêillon com um estranho (Du Moscovis).

Fator surpresa

O fator surpresa de Gramado veio do Rio de Janeiro, com “Papagaio”, um thriller de tons cômicos efervescente de Douglas Soares, que traz o cantor Leo Jaime no elenco, vivendo a si mesmo. Levou o Júri Popular na flauta. Gero Camilo, seu protagonista, deixa a serra gaúcha com o Kikito de Melhor Ator. Somam-se ao troféu dele os prêmios de Melhor Desenhador de Som e de Direção de Arte. É a saga de um “papagaio de pirata”, um daqueles

aficionados por câmeras de TV e fotos de jornal, que fazem tudo para aparecer num flash. Um deles, Tunico (papel de Gero), envolve-se numa encrenca ao arrumar um pupilo em meio a um tributo a Jaime em Curicica.

Na seara documental, venceu o potiguar “Lendo o Mundo”, de Catherine Murphy e Iris de Oliveira. Suas diretoras fazem uma evocação do educador Paulo Freire (1921-1997), revivendo a época em que ele liderou um projeto de alfabetização no Nordeste. Os arquivos repletos de depoimentos de Freire são de um valor inestimável

Houve ainda menção honrosa para um ímã de lágrimas, “Para Vigo Me Voy!”, que celebra o legado de Carlos Diegues (1940-2025).

Terminado Gramado, o cinema nacional volta suas atenções agora para o Festival de Brasília, que vai começar no dia 12 de setembro com “O Agente Secreto”, de Kleber Mendonça Filho.

Veja ao lado a relação dos demais vencedores da competição de longa-metragens.

PREMIAÇÃO DE GRAMADO

Melhor Filme:
“Cinco Tipos De Medo”, de Bruno Bini

Júri Popular:
“A Natureza das Coisas Invisíveis”, de Rafaela Camelo

Melhor Direção:
Laís Mello, (por “7”)

Melhor Documentário:
“Lendo o Mundo”, de Catherine Murphy e Iris de Oliveira

Melhor Ator:
Malu Galli (por “Querido Mundo”)

Melhor Ator:
Gero Camilo (por “Papagaio”)

Melhor Atriz Coadjuvante:
Aline Marta Maria (por “A Natureza das Coisas Invisíveis”)

Melhor Ator Coadjuvante:
Xamã (por “Cinco Tipos De Medo”)

Melhor Roteiro:
Bruno Bini (por “Cinco Tipos De Medo”)

Melhor Fotografia:
Renata Corrêa (por “Nó”)

Melhor Direção de Arte:
Elsa Romero (por “Papagaio”)

Melhor Montagem:
Bruno Bini (por “Cinco Tipos De Medo”)

Melhor Trilha Musical:
Alekos Vuskovic (por “A Natureza das Coisas Invisíveis”)

Melhor Desenho de Som:
Bernardo Uzeda, Thiago Sobral e Damião Lopes (por “Papagaio”)

Menções honrosas:
“Para Vigo Me Voy!” e “Sonhar Com Leões”

Júri Popular:
“Papagaio”

Prêmio da Crítica:
“Nó”

CANTO DA CRÔNICA

ALDO TAVARES

Imagem gerada com a IA One Image



Luta de classes disfarçada

Afirmar que não existe luta de classe iguala-se a dizer que Deus não existe. Eu profano a palavra de Karl Marx, devendo ser queimado em praça pública pelo proletariado.

Quando lemos O Manifesto do Partido Comunista, logo no início escreve-se que “(...) em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora aberta, ora disfarçada (...)”. Marx não detalha essa luta “disfarçada”; porém, se é disfarçada, o significado óbvio de disfarçar é a luta de classe estar “ocultada”.

Ninguém vê a luta, mas ela está lá, onde? se é luta, é corpo a corpo? mas como pode luta assim ser disfarçada? Nas páginas de “O 18 brumário de Luís Bonaparte”, Marx registra a luta aberta do proletariado revolucionário nas ruas contra o aparato militar da capital francesa. Muitos morreram. Os revolucionários perderam no “combate-contrário”. Perderam no confronto direto. Na luta de classe aberta, o proletariado sofreu a mortal derrota contra.

Nas ruas da Paris de 1848, não houve disfarce em algum lugar? a luta de classe só foi aberta? houve proletariado revolucionário disfarçado? houve burgueses lutando com disfarce? mas onde estava a luta de classe disfarçada em “O 18 brumário”? houve disfarce?

Quando dizemos “luta

de classe disfarçada [ou não aberta]”, dizemos que a luta é diferente do que ela é, ou seja, a luta é a não luta. Então, se a luta de classe se disfarça de não luta de classe, é porque se oculta na própria aparência que nega o confronto, o conflito, em outros termos, o que aparenta ser a não luta de classe já é a luta de classe. Assim, se a luta de classe existe como não luta, ela não existe, existindo. Trata-se, portanto, de paradoxo.

Em “O 18 brumário”, Marx escreve muitos paradoxos, sendo um deles o poder de Luís Bonaparte, o bufão. Seu poder motiva o riso por estar com máscara e fantasia? Claro que não, Luís Bonaparte se disfarça com a imagem do próprio rosto e, por causa desse disfarce em estado natural, ele engana, possibilitando uma luta de classe sem oposição em virtude de ser disfarçada.

Se o rosto de Luís Bonaparte é político e o do proletário revolucionário é não político, é porque este só deseja afirmar o “combate-contrário”, que se torna inútil ou infecundo numa guerra em que a luta de classe é disfarçada, repito, em que a luta de classe não existe. A verdade do revolucionário nunca seduziu, mas a farsa do bufão ainda seduz, visto que a mentira, sendo rosto, é uma riqueza, supõe posses, verdades, formas de substituição.

Maratona afirmativa na telinha

Programação especial de 12 horas no Canal Brasil exhibe 11 obras sobre cultura negra nesta segunda-feira



Divulgação

‘A Festa do Léo’, longa de Luciana Bezerra e Gustavo Melo, abre a programação especial desta segunda no Canal Brasil

Por Affonso Nunes

O Canal Brasil estreia nesta segunda-feira (25), a partir das 20h, a faixa Negritudes, programação especial de 12 horas consecutivas dedicada à cultura negra brasileira. A abertura fica por conta da estreia do longa-metragem “A Festa de Léo”, de Luciana Bezerra e Gustavo Melo, ambientado na Favela do Vidigal.

O filme retrata a história de Rita, mãe que prepara a festa de 12 anos do filho Léo. No dia da comemoração, ela descobre que Dudu, pai do menino e dependente químico, roubou o dinheiro da festa e contraiu dívidas na comunidade que podem lhe custar a vida. Rita precisa encontrar

uma solução para salvar Dudu e realizar o sonho de comemorar o aniversário do filho.

A programação inclui ainda “7 Cortes de Cabelo no Congo”, também de Bezerra, Pedro Rossi e Gustavo Melo, que acompanha uma comunidade de imigrantes congoleses em Brás de Pina. O ponto de encontro é a barbearia de Fernando Mupapa, onde discutem assuntos diversos, desde futebol até a situação política em seu país de origem.

“Mundo Novo”, de Álvaro Campos, apresenta um casal inter-racial que decide comprar apartamento no Leblon após o isolamento da pandemia. O documentário “Cidade de Deus - 10 Anos Depois”, de Cavi Borges e Luciano Vidigal, mostra

as transformações dos atores do filme original, indicado a quatro categorias do Oscar.

A faixa exhibe também “Favela Gay”, de Rodrigo Felha, sobre a comunidade LGBT nas favelas cariocas, e episódios do programa “O Bagulho é Doido”, apresentado por MV Bill na Cidade de Deus, com entrevistas sobre violência policial, espaço do negro na sociedade e des-criminalização das drogas.

O longa “Maria”, de Iberê Carvalho, conta a história de uma segurança de Brasília que sonhava ser cantora e faz de tudo para que a filha consiga estrear no teatro musical. A programação encerra com o show “Seu Jorge - América Brasil”, dirigido por Mariana Jorge, com letras que retratam o cotidiano brasileiro.

Por Affonso Nunes

Em tessituras delicadas, o cantor e compositor paulista Fábio Nogara celebra um de seus ídolos em seu novo lançamento. Como o próprio nome já entrega, “Fábio Nogara Canta Flávio Venturini” é um trabalho inteiramente dedicado ao músico mineiro que marcou gerações como fundador do grupo 14 Bis e integrante do movimento Clube da Esquina.

O repertório reúne composições marcantes de Venturini, incluindo parcerias com Guarabyra, Murilo Antunes, Renato Russo e Ronaldo Bastos. Entre os destaques estão “Máquina do Tempo”, de Aggeu Marques, e “Pra Lembrar de Nós”, sucesso na trilha sonora da novela “Chocolate com Pimenta” (2003).

“Nesse álbum pude me aprofundar na poesia musical de Flávio Venturini, ela é elaborada a partir de um olhar muito sensível sobre o mundo. O Flávio discorre muito sobre as paisagens, a natureza, o

Fábio Nogara consolida um repertório afetivo em álbum dedicado a Flávio Venturini



Fábio Nogara celebra legado de Flávio Venturini em álbum

Um tributo à delicadeza

Divulgação

amor e a delicadeza. Percebo que esse é um ponto importante de conexão entre o meu trabalho autoral e o dele, talvez por isso se deu toda a escolha do repertório para esse álbum. Nesse sentido, também instruí os músicos para que todos os arranjos tivessem essa mesma característica, leveza e delicadeza”

O álbum também incorpora duas faixas emblemáticas do Clube da Esquina: “Sol de Primavera” e “Amor de Índio”, ambas de Beto Guedes e Ronaldo Bastos. “Fui apresentado ao Clube da Esquina na voz de Flávio Venturini e Milton Nascimento. Por isso, fiz questão que essas faixas estivessem no projeto”, explica o intérprete.

A produção musical ficou a cargo de Paulo Tó, com arranjos de André Limma e Guilherme Kastrup. Natural de São João da Boa Vista, Nogara ganhou projeção nacional ao gravar clássicos da MPB em suas plataformas digitais. O projeto será complementado com videoclipes para todas as faixas, dirigidos por Jean Gama.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Em plano sequência

Tatiana Dauster disponibilizou no YouTube o videoclipe de “O Amor é Fatal”, parceria com Jorge Mautner do álbum “Origami”. Dirigido por Roberto Berliner, o vídeo apresenta plano sequência com a cantora percorrendo diferentes ambientes em ritmo acelerado. A produção foi exibida primeiro durante show na Audio Rebel. Berliner, diretor de “Nise – O Coração da Loucura” e clipes dos Paralamas, criou roteiro onde Tatiana atravessa jardim, salão, corredor e quarto até chegar a um bar em movimento contínuo.

Leo Aversa/Divulgação



Marcos Hermes/Divulgação

Uma canção esquisita

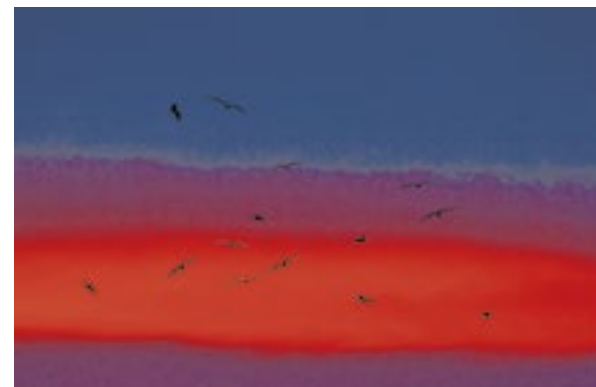
Biquini Cavado acaba de lançar nas plataformas digitais a faixa “Você Tem O Que Merece Ter”, single autoral em parceria com Dudy Cardoso, que dividia canções com a banda desde 2007 e que faleceu em 2022. O vocalista Bruno Gouveia define a canção como “uma das mais esquisitas” já gravadas pela banda. Produzida por Paul Ralphes, a música chega acompanhada de videoclipe dirigido por Leonardo Liberti com cenas de show no Circo Voador. O single integra álbum comemorativo dos 40 anos da banda, que já inclui “A Vida Começa Agora”, “Uma Viagem” e “Mãos”.

Divulgação



Hora de reflexão

Florence + the Machine anuncia “Everybody Scream”, sexto álbum da banda, com lançamento em 31 de outubro. A faixa-título já está disponível em single e videoclipe dirigido por Autumn de Wilde. O disco foi escrito e produzido por Florence Welch nos últimos dois anos, com colaborações de Mark Bowen (IDLES), Aaron Dessner e Mitski. Após cirurgia durante turnê anterior, Florence Welch explorou temas como misticismo, feminilidade e morte. Nome de destaque na cena pop, a artista publicou em 2018 um livro com letras, poemas e desenhos, “Useless Magic”.



UM RIO *balzaquiano*

Os dias no Rio têm amanhado com um certo ar de mistério, empoderados, maduros, lindos, absolutamente reais. Bem capaz de ser uma forma de homenagear Honoré de Balzac, quando se completam 175 anos desde que nos deixou em 18 de agosto de 1850 a caminho de Aruanda.

Alvoreceres balzaquianos, um “Le Lys dans la vallée” orvalhado. Em busca, quem sabe, das “Illusions perdues”, ou, talvez, da “La Recherche de l’absolu”.

O fato é que, para homenageá-lo, a natureza, sutilmente, elegantemente, encantadoramente, tal qual “La Femme de trente ans”, pediu que viessem as fragatas em seu balé. Já não mais um ensaio, mas a apresentação de estreia para uma plateia absolutamente seleta. Vieram acompanhadas pelos urubus-rei e de alguns gaviões-carijó. Numa coreografia integrativa,

bailaram, bailaram, bailaram sobretudo, creio eu, para esquecerem “La comédie humaine” destes tempos trevosos nos quais vivemos atualmente. Como é cruel bailar assim.

Com açúcar e muito afeto seguiram bailando pela amplidão. Num instante de ilusão, voaram, bailaram na fumaça de um mundo novo, fazem um novo mundo na fumaça.

Os irmãos Valle trautearam na voz de Cláudia: “Não confie em ninguém com mais de trinta anos / Não confie em ninguém com mais de trinta cruzeiros / O professor – Pasquale e seus auxílios luxuosos – tem mais de trinta conselhos / Mas ele tem mais de trinta, oh mais de trinta/Oh mais de trinta, oh mais de trinta...”

Foram retrucados por Miltinho em versos de Luiz Antônio: “...No meu olhar, na minha voz / Um novo mundo, sinta! / É bom sonhar, sonhemos nós / Eu e você, Mulher de Trinta / Amanhã, sempre vem! / E o

amanhã pode trazer alguém!”

O Sol, saiu tímido através da cumulus. Ensaçou um breve malabarismo nas encostas das montanhas arariboianas, tingiu o céu em tons magenta-alaranjados-dourados e se recolheu com vergonha do bailado tão belo e da sutilidade das cariocas com mais de trinta coloridas pelo sol, doiradas pelos reflexos marinhos ou simplesmente desfilantes em suas elegâncias sinceras.

Não se sabe ao certo se o Astro-Rei se esconde entre as nuvens por tantos descabros que se tem assistido de misoginia, machismo, intolerância, etarismo e misoginia, encimado no éter ou se envergonhado com a beleza sutil e discreta, um breve sussurrar, tão bom perfume da mulher de 30, de 40, de 50, de 60...

Aliás, lugar de mulher é onde ela quiser estar, onde ela se empoderar e, sobretudo, onde ela é simplesmente mulher.

